



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

REDEMOINHOS DA LINGUAGEM:

A desordem e o limite na narrativa distópica
em a morte de paula d., de Brisa Paim

Analice Leandro
Ildney Cavalcanti

Vinculada ao projeto Utopismos Brasileiros: um Inventário Cultural, essa apresentação abordou a representação da loucura da personagem feminina, no romance *a morte de paula d.* (2009), de Brisa Paim, contextualizando-o em relação a obras de cunho distópico nas quais as personagens principais narram o seu próprio enlouquecimento, através de estratégias narrativas e de uma linguagem particular. Neste sentido, observei que o tema loucura, implica diretamente no uso de uma linguagem e/ou organização textual peculiar inscrevendo a representação da loucura nos planos imagético, textual e formal. Analisei a interface entre linguagem e loucura, isto é, a criação de formas alternativas de dizer que se manifestam em perturbações na forma assumida pela linguagem da narrativa.

A observação de certas recorrências imagético-textuais levou à criação de categorias norteadoras da análise: “epifania gendrada” e “linguagem-limite”. Essas categorias permitiram um melhor entendimento das manobras utilizadas para narrar o enlouquecimento e do percurso da narrativa na busca pelos limites representacionais. A análise de *a morte* forneceu pistas de como no romance contemporâneo tem representado as utopias e distopias da cultura, sob uma perspectiva mais subjetivada, sem deixar, contudo, de suscitar discussões que envolvem o conjunto de regras e imposições morais da nossa sociedade, principalmente no tocante às construções culturais de gênero. Ao tempo em que revisita uma temática recorrente na narrativa de autoria feminina, o romance atualiza a representação da loucura ao utilizar estratégias de modo comparável à estética das ficções distópicas feministas, fazendo ponte com as incertezas e urbanidade dos nossos tempos e revelando as nuances de um processo composicional complexo.

Nas manifestações utópicas e distópicas da literatura, mais especificamente, nas narrativas contemporâneas de autoria feminina, a presença constante e marcante das loucas chama atenção



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

para a quantidade de personagens/mulheres desviantes que têm figurado de forma recorrente na literatura dessas autoras como um todo. Como ilustração disso, podemos citar o conto de ficção científica “The Heat Death of the Universe” (1967), de Pamela Zoline, que narra o colapso psicológico da protagonista e dona de casa Sarah Boyle; “Your Faces, O My Sisters! Your Faces Filled of Light” (1976), de Racoon Sheldon, no qual a protagonista vive uma realidade alternativa ao contexto histórico que a define como desviante; e o romance *Woman on the Edge of Time* (1976), de Marge Piercy, no qual a protagonista, tida como louca, é quem tem a experiência/alucinação de uma viagem para um futuro utópico.

A linguagem peculiar utilizada por tais narradoras para contar a experiência de enlouquecimento vem sendo estudada pela crítica literária feminista, conforme exposição a seguir. Para a presente pesquisa, esta linguagem foi estudada sob a forma de uma categoria nomeada “linguagem-limite”, que propõe uma organização alternativa em relação às regras e limites da língua, quando da mimetização desse processo de perda da razão da narradora-personagem. Observamos o uso dessa linguagem, em especial, no romance distópico *a morte de paula d.* (2009), de Brisa Paim¹. Na obra, essa forma de dizer faz ponte com as incertezas dos tempos, a urbanidade nas vidas de mulheres de classe média, fragmentações identitárias, desejos construídos pela sociedade e outras temáticas inquietantes.

Sob as lentes dos estudos da utopia, das teorias da narrativa e dos estudos de gênero, salientamos a auto-referencialidade desta obra que se configura como uma sala de espelhos refletindo a si e à linguagem. Nesse sentido, proponho a categoria “epifania gendrada” para descrever uma das manobras narrativas utilizadas, que representa a euforia da descoberta da feita, em se tratando de construções culturais de gênero, e institucionalização da própria identidade da protagonista, numa sociedade ainda centrada no masculino. Traço e analiso, a seguir, as estratégias da narradora-personagem, que denomino linguagem-limite, associando as técnicas narrativas à (des)construção identitária da personagem.

Assim como acontece no mundo inteiro, no Brasil, constatamos a vasta e constante presença dos textos utópicos e distópicos na cultura. Não foi difícil, portanto, encontrar nas leituras junto ao

¹ Brisa Paim é escritora e pesquisadora. Nasceu em Salvador. *a morte de Paula d.* é seu romance de estreia. Atualmente, reside em Portugal.



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

grupo literatura e Utopia, do qual sou membro, uma obra literária na qual a expressão utópica/distópica se faz presente. No entanto, a obra em questão se destaca não só por ser uma narrativa em que características distópicas são um traço essencial em se tratando de sua composição. *a morte de paula d.* suscita, por meio de sua temática, reflexões acerca do papel das representações e convenções sociais da contemporaneidade em relação à (de)formação identitária da mulher e também às reconfigurações das utopias e distopias observadas no romance contemporâneo; e também análises das maneiras como esses elementos se entrelaçam em se tratando da composição narrativa formando um mosaico composto por elementos tais como maternidade, suicídio, casamento, comunicação e linguagem, suscitando questionamentos sobre as construções de gênero na sociedade contemporânea.

O romance de Brisa Paim foi publicado pela Edufal em 2009. O livro venceu o prêmio Lego de Literatura 2007² na categoria romance e foi indicado ao prêmio São Paulo de Literatura na categoria autor estreante em 2010. No romance, através do solilóquio da narradora-personagem, somos apresentadas/os a uma mulher/esposa/advogada/mãe que, após uma discussão filosófica com o marido a respeito da formação moral e intelectual dos filhos, resolve ler, na madrugada, durante um acesso de insônia, um livro. Significativamente, o livro se chama “a morte de paula d.” (PAIM, 2009. p.40), o que aponta para o forte traço metaficcional que marca a obra como um todo. A soma da perturbadora leitura e das questões (direcionadas a si própria) a respeito de sua identidade a levam a uma quebra identitária irreversível. A narradora agora assume o papel de paula d., negando, ao mesmo tempo em que narra, os fardos que lhe foram imputados pelas convenções sociais que moldaram sua identidade e seu destino. Discorrendo sobre sua vida pregressa e despindo-se das culpas e encargos que lhe pertenciam quando era aquela outra mulher, paula d. vai construindo, com o que sobrou e com o que lhe coube imaginar, uma nova rota. Ela vai se libertando das antigas instituições e convenções a que esteve submetida (a religião, o casamento, a maternidade, a passividade em relação à sexualidade, a vaidade “feminina” compulsória, a coisificação do corpo etc.), na tentativa de criar possibilidades para seu novo eu. Na impossibilidade de colocar em funcionamento, dentro do jogo do establishment, esse sua nova persona, parece só lhe sobrar uma

² O prêmio Lego, que já segue em sua terceira edição, é uma iniciativa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas e tem demonstrado sua importância na promoção da literatura produzida no estado, revelando e reconhecendo novos talentos



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

alternativa: o suicídio.

O romance aparenta muitas influências de obras distintas, filiando-se a umas por gênero, a outras por traços e procedimentos estilísticos, e a outras ainda por temática e referências textuais explícitas ou inferidas. Usando as palavras de Nilton Resende na apresentação da obra³: “Podem-se perceber as vozes de Hilda Hilst, Samuel Beckett e outros mais [...]”, dentre as quais incluo, observando a tradição literária em língua inglesa, Charlotte Brontë, James Joyce, Kate Chopin, Charlotte Perkins Gilman pela diegese da loucura e êxtase femininos, e, mais recentemente, as autoras de ficções especulativas citadas acima.

A composição imagética e textual foi analisada dando-se ênfase à utilização e à função da linguagem na construção de uma representação da loucura, que se desenvolve e se amplifica por meio de uma composição literária peculiar centrada num movimento circular. Em outras palavras, conforme se intensifica no desenrolar da narrativa, o enlouquecimento da personagem acaba por exigir uma forma diferente de expressão. Essa maneira diversa, deformada, de dizer a loucura imprime na narrativa uma voz e um ritmo que impulsionam a linguagem a atingir seus limites.

A observação e definição da categoria “linguagem-limite” foi proposta em consequência das aproximações entre as leituras de teorizações acerca da composição da linguagem em literatura e do romance em si, o que permitiu a observação de uma configuração que conecta a temática da loucura a uma forma fluída e gramaticamente peculiar de escrita que expressa certas características diretamente ligadas à descoberta e à quebra de limites tanto no que diz respeito ao estado mental da personagem, para quem as barreiras entre sanidade e loucura, real e imaginário, identidade e construto estão apagadas, quanto a uma forma de (re)escrita desses limites. Isto é notável num processo narrativo através do qual a linguagem, sistema de falhas e lacunas⁴ (PERRONE-MOISÉS, 1990. P.102), é violentada, em relação à norma padrão, mais linear e convencional de expressão de ideias a que estamos acostumadas/os. Tal fluxo narrativo é compreendido como uma tentativa desesperada de ressignificação do novo mundo da personagem. Nesse lugar, a mulher, que se encontra refeita e transformada, assume uma nova identidade e uma nova forma de existir, na qual

³ Cf. comentários na orelha, em PAIM, 2009

⁴ Refiro-me às obras clássicas, como *Admirável Mundo Novo* (1931), de Aldous Huxley e *1984* (1948), de George Orwell.



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

ela está no controle e não mais sofre as pressões que a levaram a ruptura da razão.

A narrativa convulsa e pressurosa do romance de Paim se erige a partir da revelação de “verdades” sobre a compleição da identidade daquilo que socialmente é mais aceito, à respeito da personalidade feminina. Assim, retomamos a questão do povoamento da literatura por personagens loucas, em especial desde a segunda metade do século passado, no âmbito do romance contemporâneo de autoria feminina. Pesquisadoras como Felman (1997) Gilbert & Gubar (1997) e Baim (1997), apenas para citar algumas, já se dedicaram à análise do tema, demonstrando que fatores de dominação e opressão são os motivos/estopins para a crise e entrada no processo de enlouquecimento dessas personagens. Trata-se de motivos que partem de uma sociedade falocentricamente orientada, pautada numa exigência cruel e exaustiva da mulher: o cumprimento de obrigações, a aceitação de cargos e a representação de papéis tão diversos que dicotomizam ao extremo os caminhos da construção da identidade em se tratando das questões de gênero: fazer-se ou ser feita? Como se pode ler no próprio romance, essas orientações talham o comportamento social feminino, ao tempo em que silenciam esse processo de construção cultural (grifo meu):

e vinham o marido o padre o pai e diziam fica, mulher, com teus filhos saíram de ti não sentistes as dores do parto [...] *mas diziam isso dentro da minha cabeça* [...] e ficava bem mamãe bem virgem Maria e pegava meus filhinhos (PAIM, 2009, p. 57)

Centrada nas duas categorias já mencionadas, a linguagem-limite e epifnia gendrada, a análise enfocou a maneira pela qual, por meio da construção discursiva e seus artifícios artísticos, a narradora constrói a linguagem que representa/simula a verborragia da loucura, uma linguagem fluída, visceral e plena de gatilhos e portas de retorno a si mesma:

Às vezes um bolo imenso trava minha garganta e como se quisesse ser um som muito alto [...] talvez eu esteja cheia de palavras no lugar que devia ser na minha garganta o som [...] uma vez eu senti um certo amor pela palavra [...] foi quando a palavra saiu pulando de minha boca. Achei que era tosse, mas era a palavra. (Idem, p.14)

A forma libertadora como se expressa a louca, verborrágica e labiríntica, é também, sintoma de sua “doença”. Por ser fluída, a sua linguagem insana deixa escapar interditos. Cria redes de “livre-associação”. Assim como num processo criativo de *brainstorming*, as informações mais diversas se encadeiam num sem-fim de causas e consequências ininterruptas, que gradativamente



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

vão formando uma figura, ao modo de um quebra cabeças composto por milhares e mínimos fragmentos que se monta, à medida que se revela. Tal processo composicional gera a ilusão de presentificação. É como se a narradora fosse uma atriz, em cena, enlouquecendo ali mesmo, aos olhos da/o leitor/a.

A fala aliviadora/reveladora é também poder e controle. Quem narra orchestra a ação. A personagem principal está se dizendo por meio de sua linguagem e “entrando num frenesi de descobertas e insights que a levam novamente a sair do controle. Em um processo cíclico-vicioso.” Despindo-se das camadas e expondo o mecanismo/constructo pelo qual “foi feita”, ela se mitiga dos encargos infligidos, mas vai esgotando-se e, em certo ponto, morre de hemorragia de si, por excesso do verbo.

Esse refazimento verbal desencadeia um fluxo de verdades vomitadas pela linguagem de paula d., forçando a comunicação ao limite. É necessária uma nova forma de dizer essa experiência, essa descoberta, o que requer da linguagem uma força e um ritmo acelerados, com vários pontos que conectam as causas e consequências desse enlouquecimento. A linguagem trabalha em força máxima. Nesse lugar, a mulher, que se encontra refeita e transformada, assume nova identidade e uma nova forma de existir, ainda que seja uma existência faz-de-conta, na qual ela está no controle e não mais sofre as pressões que a levam a ruptura da razão.

A linguagem-limite descrita acima se relaciona com a segunda categoria, também criada para auxiliar na análise das particularidades do romance, nomeada “epifania gendrada”. É relevante salientar que o termo epifania surge, em literatura, com a descrição do processo de autodescoberta vivido pelo protagonista no *Künstlerroman*⁵ *Um Retrato do Artista quando Jovem*, de James Joyce. Neste contexto, *a morte de Paula d.* funciona como um romance (de)formação de uma renovada subjetividade, em situação limite e marcada por gênero. Há outro intertexto com Joyce que se dá também em termos temático-formais, pelo uso do fluxo de consciência associado à personagem Molly na “fala” que finaliza o romance *Ulisses*. Aliás, é difícil dissociar a epifania da técnica de narração fluxo de consciência, uma vez que a primeira pode ser entendida exatamente como aquele

⁵ O *Künstlerroman*, ou "romance do/a artista", é um importante gênero romanesco que surge na literatura ocidental no século XVIII. Sua origem remonta ao famoso livro de Goethe *Wilhelm Meisters Lehrjahre* ou *O aprendizado de Wilhelm Meister* (1795–1796), obra que originou também o gênero do *Bildungsroman*, o qual significa "romance de aprendizado" ou "romance de desenvolvimento". (CAMPELLO apud BAILY, 2005)



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

“nó” na trama que se mostra como uma revelação. O/A próprio/a narrador/a toma consciência do fato apenas ao dizê-lo. O que era até então desconhecido escorrega para fora. Em decorrência da fluidez da sua linguagem é que ele/a é capaz de revelar(-se) e surpreender(-se). Esse é o acontecimento que engatilha toda a trama, em direção ao qual o/a narrador/a vinha caminhando. Essa era a revelação buscada, mas para uma narradora em crise da racionalidade, essa notícia é “impalatável”.

Depois de se autoneamar paula d. a mulher/protagonista enfrenta um processo de cisão identitária, sua personalidade se divide em duas. Cada qual assume seu papel: paula d. é aquela que investiga em busca de respostas, pergunta e busca entender o funcionamento de seu próprio papel social e da sua construção gênero na tentativa de saber o quanto, como e por quê foi tão ludibriada. Já Amoim, seu duplo (na verdade, a metade de sua personalidade), representa o próprio fluxo de consciência que brota sem controle e resolutivo. Nesse processo, a mulher partida caminha para o seu fim.

O nome Amoim pode ser lido como um anagrama de mioma, doença do aparelho reprodutor feminino que se manifesta na forma de um nódulo e causa dores, diminuição da fertilidade e hemorragia. Amoim seria, então, evocativo da própria enfermidade de Paula: o fluxo e o sintoma. Uma verborragia que não se estanca e que exaure a racionalidade de paula, enfraquecendo às resistências dela contra a atração pela fundura, pela infelicidade e pelas “bocas-de-lobo”⁶. Essas “bocas-de-lobo”, em nossa leitura, representam o processo silencioso e mordaz da dúvida. São buracos negros que atraem paula d. com sua atração gravitacional irresistível e mostram que há sempre mais facilidade (e tranquilidade) em seguir a torrente do que em resistir a ela.

A epifania gendrada, perceptível na obra, é proveniente do conhecimento repentino de si enquanto constructo social de gênero e eclode as fronteiras do dizível, provocando uma verborragia libertadora. A louca pode, por fim, narrar e inventar a si própria. As consequências desse dizer atingem diversos níveis em sua escrita. No plano do enredo leva, em geral, à irreversibilidade da loucura, a um possível tratamento (que de acordo com Cinthia Schwantes é também punição, à quebra total dos contratos sociais e/ou à morte das personagens. No plano da forma e da linguagem

⁶ Metáfora recorrente na obra que pode ser entendida como o reconhecimento do processo de dúvida que é irreversível e que leva a personagem à crise.



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

leva a desobrigação de seguir um padrão, plano ou molde de narrativa mais tradicional, à desobediência no uso de pontuação e de organização textual e ao uso peculiar das palavras. Leva também a uma diferente conformidade no próprio suporte textual que pode apresentar modificações não usuais com o objetivo de mimetizar as particularidades da obra e que expõem as fronteiras da representação textual, levam a linguagem aos seus limites. Como é o caso das páginas em que a personagem narra a sua noite de insônia. Nessas páginas, o papel tem uma tonalidade mais escura, colaborando para criar a metáfora da angústia e da dúvida no meio de uma noite cheia de perguntas.

Tendo em vista os objetivos mais amplos do projeto proposto, cabe aqui também uma consideração sobre *a morte* como um romance de cunho distópico. Primeiramente, a distopia está situada dentro de um campo mais amplo, pelo que se faz necessário definir a Utopia. Goodwin descreve-a (apud GOMES, 2011, p. 44) como sendo um

gênero tradicionalmente associado a lacunas: entre o que nós temos e o que gostaríamos de ter; entre o que gostaríamos de ter e o que o outro prefere; entre nosso medo de possibilidades e as palavras que encontramos para construí-las. (grifos meus)

Essa definição de utopia pode ser especialmente considerada em relação à leitura empreendida na pesquisa, com foco exatamente na construção de possibilidades (ou impossibilidades) por meio da percepção das lacunas e da utilização de palavras (ver grifos).

A arte sempre oferece uma possibilidade de representação utópica, no sentido em que é capaz de reproduzir, por meio de palavras, imagens, símbolos e ícones, aquilo que nos falta, nossas lacunas. No caso de *a morte*, o texto literário é constituído pela (e constitui a) busca pelos limites da representação da loucura, através de um viés lacunar, que parte de um princípio narrativo crítico e distópico capaz de levar ao reconhecimento das limitações impostas pela cultura sobre as subjetividades e, ao mesmo tempo, sugere uma procura por um espaço/tempo alternativo, por isso de cunho utópico.

Os limites entre as dimensões utópica e distópica nas representações literárias são tênues. Na verdade, segundo Moylan (2003), a relação entre a utopia e seu contraponto é dual, simultânea e intrínseca. Por isso, a demanda utópica pela linguagem capaz de expressar o limiar da loucura, para dizer aquilo que a personagem-narradora (não) é e o que gostaria de ser, para descrevê-la e reescrevê-la, acaba por colocá-la no centro um processo identitário de crise e confusão, decorrente



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

da percepção da distópica realidade em que se insere, o que culmina em sua tendência suicida.

Trata-se de uma obra que pode fornecer muitas pistas sobre como os utopismos, neste caso, em sua faceta predominantemente distópica, vêm sendo reconfigurados na/pela narrativa de autoria feminina, mais especificamente no romance contemporâneo. Além disso, tal modo de escrita cria um movimento de reflexão sobre os papéis da mulher na sociedade contemporânea, através da representação dos valores e práticas sociais, referentes à socialização das mulheres.

Podemos entender a distopia como sendo o “mau lugar” no que diz respeito à expressão do desejo. Um lugar no qual, contrariamente à utopia, não se consegue, pela natureza destrutiva deste, alimentar esperanças de melhoras, felicidade, tranquilidade ou sucesso. Em sua forma mais “consolidada” na história deste subgênero literário⁷, a distopia descreve uma sociedade opressiva e corrompida, na qual não existe liberdade e, presumivelmente, ser humano algum desejaria viver. Pelo que, nessa forma mais cristalizada de distopia, em geral é desenvolvida narrativa mais intimamente ligada ao fator social de maneira mais ampla e explícita, propondo/criticando um modelo político de sociedade no plano literário e assumindo um caráter denunciativo dos ditames opressores da sociedade (no plano do real) a que pertence seu/sua autor/a. Quando entramos no campo da narrativa contemporânea, observamos que o foco tem sido mais centrado no plano individual, quer dizer, no sujeito. No âmbito do utopismo literário mais crítico, produzido a partir dos anos 70, nota-se fortemente esta tendência (MOYLAN 2003).

Saliente-se também que, de modo geral, as utopias clássicas, em sua fixidez e hierarquia, reiteram em suas representações as relações de dominação entre gêneros, motivo pelo qual, Gomes (2011, p. 43) define a mulher como “uma cidadã das distopias”. Essa afirmação vem encontrar-se com a de que “as distopias feministas desenham infernos patriarcais de opressão, discriminação e violência contra as mulheres, mapeando assim a sociedade contemporânea” (CAVALCANTI, 2003). O papel da mulher enquanto “cidadã da distopia” dentro das representações literárias, por suas relações socialmente conflituosas no tocante à (falta) de poder que a caracteriza, torna-se bastante evidente na literatura ocidental, através da recorrência de narrativas de autoria feminina que buscam satirizar e expor esses ditos “infernos patriarcais de opressão”.

⁷ Refiro-me às obras clássicas, como *Admirável Mundo Novo* (1931), de Aldous Huxley e *1984* (1948), de George Orwell.



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

No que concerne às técnicas narrativas, “as distopias feministas pintam um quadro exagerado das relações de poder entre os sexos” (CAVALCANTI, 2003). Vistas sob lentes diferentes, elas proporcionam, no processo de construção de seus mundos ficcionais, um tipo de “redução do mundo”, redução essa que compreendemos em Jameson *apud* Cavalcanti (2003) como sendo: “atenuação na qual a rica multiplicidade daquilo que existe, e que nós chamamos de realidade, é deliberadamente enfraquecido e extraído através de uma operação de abstração e simplificação radicais”.

No caso de *a morte*, dentre os conhecimentos reconhecíveis do meio social, podemos citar os questionamentos a cerca dos moldes e aparas feitos pela sociedade com o objetivo de conduzir a personagem a um padrão de conduta do feminino aceito pelo senso comum como sendo o normal, natural e esperado, que se mostram no/compõem o texto através da linguagem peculiar descrita acima. No entanto esses direcionamentos são feitos de maneira tão diluída, disfarçada e naturalizada que se corre o risco, no fluxo narrativo composto pelas reflexões cotidianas, de não serem observados. São “tapinhas e correções” aplicadas a esmo durante toda a trajetória vida, percebidos pela personagem como se um único golpe:

porque ora não *era isso que queriam de mim?* então *eu vi que era pra isso ser assim* tão bonitinha perfumada engomadinha roupinha certinha da moda roupinha bonitinha apertadinha - *se não, pra quê?* (PAIM, 2009, p.66)

E essa percepção vai se encorpando, fazendo com que o novo “ser” vislumbre claramente as instituições a que esteve submetida, de maneira pretensamente naturalizada (grifos meus):

porque *sempre me diziam* [...] eu deveria me cuidar e ficar mesmo bonequinha bibelô [...] e se quisesse até mesmo me engomar me passar derreter me esticar podia porque a vaidade *você sabe é natural* e é uma coisa mesmo refrescante que *na mulher enobrece* [...] (PAIM, 2009, p. 63-64)

um dia minha barriga cresceu e cresceu e *a gente foi vendo* que já tinha uma família família já feitinha (idem, p. 66)

A percepção enlouquecedora leva à negação deste construto regulado pelos outros e à assunção dessa nova personalidade. Esta ruptura radical, em relação às expectativas sociais de gênero, está mimetizada no recorte estrutural observado em *a morte*, especialmente pela construção da voz narrativa em primeira pessoa, que através das estratégias já apontadas condensa as várias opressões experimentadas historicamente por mulheres (daí a aproximação à definição de distopia



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

feminista acima). O fluxo narrativo expresso em linguagem-limite, leva à epifania gendrada, que por sua vez exige ainda mais da linguagem, num processo cíclico que se retroalimenta, fazendo com que a personagem, a linguagem e a própria obra mergulhem cada vez mais fundo para dentro de si mesmas. Esse é o conjunto de forças que cria brilhantemente, em *a morte*, a rota da loucura, do apagamento identitário; e traz à obra uma recorrência imagética numa prosa fluída, escrita em termos que a aproximam da poesia: “Eu pensava círculo rotundo”. A linguagem, ao atingir seus limites, cumpre seu papel na representação da loucura e retorna a si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marcos Vinicius de. *A morte de Paula d., Brisa Paim*. Disponível em: <<http://quebracorpo.blogspot.com.br/2010/11/morte-de-paula-d-brisa-paim.html>> Acesso em: 7 mar. 2012.



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

ANJOS, Estevão dos. A vítima do Cotidiano. Disponível em: < <http://aldeia.blogspot.com/2009/09/morte-de-paula-d-brisa-paim.html> > Acesso em: 07 mar. 2012.

BAYM, Nina. “The madwoman and her languages”. **In:** PRICE HERNDL, Diana; WAHROL, Robyn. *Feminisms: an Anthology of Theory and Literary Criticism*. New Jersey: Rutgers, 1997.

BAILY, Cristina. “Künstlerroman: a mulher artista e a escrita do ser”. **In:** Revista Estudos Feministas. vol.13 no.2 Florianópolis Mai/Ago. 2005. Resenha de: CAMPELLO, Eliane *O Künstlerroman de autoria feminina: a poética da artista em Atwood, Tyler, Piñon e Valenzuela*. Rio Grande: Editora da FURG, 2003. p.294

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama; Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. New York and London: Routledge, 2004.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. New York: Forgotten Books, 2008.

CAVALCANTI, Ildney; LEANDRO, Analice. “No Limiar da Linguagem/loucura em a morte de paula d., de Brisa Paim”. **In:** Graciliano: revista da imprensa oficial Graciliano Ramos. *A hora e a vez da literatura em Alagoas*: n. 12 (jan./fev. 2012), ano V. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos.

_____. “Linguagem/loucura em a morte de paula d.” **In:** GOMES, Carlos M.; SANTOS, Josalba F. dos; CARDOSO, Ana L. (Orgs.) *Anais do III Seminário Nacional Literatura e Cultura: textos completos*. São Cristovão: Universidade Federal de Sergipe, 2011.

CAVALCANTI, Ildney. “A distopia Feminista contemporânea: um mito e uma figura”. **In:** BRANDÃO, I; MUZART, Z. (Orgs.). *Refazendo Nós – Ensaios sobre Mulher e literatura*. Florianópolis e Santa Cruz do Sul: Editora mulheres e Edunisc, 2003.

CHOPIN, Kate. “The Awakening”. **In:** SEYERSTED, Per; WILSON, Edmund. *The Complete Works of Kate Chopin*. Baton Rouge: Louisiana Press University, 2008.

CUDDON, J.A. *The Penguin Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*. Penguin Books: London, 1992.

FELMAN, Shoshana. “Women and Madness.” **In:** PRICE HERNDL, Diana; WAHROL, Robyn. *Feminisms: an Anthology of Theory and Literary Criticism*. New Jersey: Rutgers, 1997.

GILBERT, Sandra M; GUBAR, Susan. “Infection in the Sentence”. **In:** PRICE HERNDL, Diana; WAHROL, Robyn. *Feminisms: an Anthology of Theory and Literary Criticism*. New Jersey: Rutgers, 1997.

GILMAN, Charllotte P. “The Yellow Wallpaper”. **In:** *The Yellow Wallpaper and Other Stories*. Minneapolis, Minnesota: Filiquarian Pub., LLC, 2007.

GOMES, Nayara M. *Ficção Científica, Utopia e Gênero: As Representações do Corpo e do Espaço em*



ANAIS DA V SEMANA DE LETRAS

Expressão literária e expressão linguística em novos vieses:
90 anos da semana de arte moderna
28 a 31 de agosto de 2012 – ISSN: 2176-7858

Body of Glass de, Marge Piercy. In: CAVALCANTI, Ildney; PRADO, Amanda. (Orgs.) *Mundos Gendrados Alternativamente*. Maceió: Edufal, 2011.

LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Editora 34, 2000. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo.

HILST, Hilda. *A obscena Senhora D*. São Paulo: Globo, 2001.

JOYCE, James. *Ulisses*. Lisboa: Livros do Brasil, 1989. Tradução: João Palma-Ferreira.
_____. *O Retrato do artista quando jovem*. Rio de Janeiro e São Paulo: Ediouro, 1987.

LIMA, Ana C. A. “A Utopia Transgressora de Jeanette Winterson em *Sexing the Cherry*”. In: CAVALCANTI, Ildney; PRADO, Amanda. (Orgs.) *Mundos Gendrados Alternativamente*. Maceió: Edufal, 2011.

MOYLAN, Tom. “Utopia e Pós-modernidade: teses”. In: *Leitura: revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística: número temático: LITERATURA E UTOPIA/ Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística – CHLA. – n.32 (jul./dez. 2003) – Maceió: Imprensa universitária.*

PAIM, Brisa. *a morte de paula d*. Maceió: Edufal, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da Escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PIERCY, Marge. *Woman in the Edge of the Time*. New York : Knopf, 1976.

RESENDE, Nilton. [Orelha] In: PAIM, Brisa. *a morte de paula d*. Maceió: Edufal, 2009.

ROSENFELD, Anatol. et al. *A personagem de ficção*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

SCHWANTES, Cíntia. *A voz da louca, a voz da outra*. Disponível em:
<http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys8/literatura/cintia.htm>, acesso em: 17 de Maio.

SHELDON, Racoona. [James Tiptree Jr.] “Your faces, O my sisters! Your faces filled of light!” In: *Out of the everywhere and other extraordinary visions*. New York : Ballantine, 1981.

ZOLINE, Pamela. “The Heat Death of Universe”. In: *The Heat Death of Universe and Other Stories*. Kingston, N.Y.: McPherson, 1988. [1967]